

# Teoria Crítica: do iluminismo como mito à restauração do projeto iluminista

Debate o discusión en teoría social

GT 31- Teoria Social Contemporânea

Glícia Maria Pontes Bezerra<sup>1</sup>

## RESUMO:

A Escola de Frankfurt, formada pelos integrantes do Instituto de Pesquisa Social obteve destaque, em meados das décadas de 30 e 40, com as suas primeiras elaborações a respeito da Teoria Crítica. Neste artigo proponho-me a refletir sobre “a crítica do positivismo e da ciência” feita pelos seus teóricos, buscando compreender a visão de ciência e a proposta epistemológica em duas fases da Escola de Frankfurt: a primeira formada por Adorno e Horkheimer, e a fase posterior representada aqui por Habermas e a sua revisão crítica à obra dos primeiros frankfurtianos, a partir da proposta de restauração do projeto iluminista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iluminismo, Teoria Crítica, Epistemologia.

## 1. Introdução

A Escola de Frankfurt, formada pelos integrantes do Instituto de Pesquisa Social obteve destaque, em meados das décadas de 30 e 40, com as suas primeiras elaborações a respeito da Teoria Crítica. Estes pesquisadores se aglomeraram, primeiramente, em torno de Max Horkheimer, e, apesar de seus estudos convergirem em alguns aspectos, não podem ser considerados homogêneos: “Embora seja difícil encontrar um denominador comum nos projetos de pesquisa empírica do Instituto, a ideia do “mundo totalmente administrado” representa um ponto de referência comum”. (HONNETH, 1999: 536-7)

Entre os principais expoentes da Escola de Frankfurt estão Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin e Habermas. De acordo com Habermas (1989) entre os principais temas abordados pelos membros do Instituto estão: “as formas de integração nas sociedades pós-liberais”, “socialização da família e desenvolvimento do ego”, “mídia de massa e cultura de massa”, a psicologia social por trás do fim dos protestos”, “teoria da arte” e a “a crítica do positivismo e da ciência”.

Neste artigo proponho-me a refletir sobre este último tema (“a crítica do positivismo e da ciência”), buscando compreender a visão de ciência e a proposta epistemológica em duas fases da Escola de Frankfurt: a primeira formada por Adorno e Horkheimer, e a fase posterior representada aqui por Habermas e a sua revisão crítica à obra dos primeiros frankfurtianos, a partir da proposta de restauração do projeto iluminista.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia / UFPE (turma 2011). Professora Assistente do Instituto de Cultura e Arte / UFC.

## 2. Adorno e Horkheimer

Entre os destaques da primeira geração da Escola de Frankfurt estão Horkheimer e Adorno, os quais tiveram suas principais obras publicadas a partir da década de 30. Suas reflexões eram permeadas por críticas à ciência moderna e ao programa iluminista. Para eles, o iluminismo / esclarecimento propunha, por meio da atividade científica, “livrar o mundo do feitiço”, mas transformou-se ele mesmo em mito: “O avanço do iluminismo dissolve a ideia de razão objetiva, dogmatismo e superstição; mas com frequência a reação e o obscurantismo tiraram muito proveito dessa evolução” (HORKHEIMER, 2002: 32)

Adorno e Horkheimer contrapõem-se diretamente ao método positivista e à lógica formal que, para eles, caracterizam a chamada “ciência moderna”. Segundo eles, essas escolas científicas adotam como regra o conhecimento baseado em medidas de calculabilidade e utilidade, buscando fórmulas e probabilidades, que têm por objetivo final a formação de uma ciência unitária e uniformizada. Compreendem, pois, o iluminismo como um sistema totalitário em que o conhecimento transforma-se em sinônimo de poder: “O iluminismo se relaciona com as coisas assim como o ditador se relaciona com os homens. Ele os conhece, na medida em que os pode manipular. O homem de ciência conhece as coisas, na medida em que as pode produzir”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1983: 93)

Vale ressaltar que os teóricos da primeira geração conviveram diretamente com o regime nazista na Alemanha e foram exilados do país nesse período. Para eles, regimes totalitários consistiam na negação do indivíduo, baseando numa “unidade do coletivo manipulado”:

A condição totalitária na qual o mundo havia caído com a ascensão do fascismo já não podia ser explicada pelo conflito entre as forças produtivas e relações de produção, mas pela dinâmica interna da formação da consciência humana”. (HONNETH, p. 520)

Sendo assim, desenvolvem a concepção de “mundo totalmente administrado” que aliado ao conformismo individual constitui um sistema fechado, praticamente sem possibilidade de transformação.

A ciência, nessa concepção, é uma das expressões da “economia mercantil burguesa” e busca, através do conhecimento, dar mais eficácia ao sistema capitalista.

Em busca das regularidades e repetições, o positivismo, símbolo maior do que eles chamam de “ciência moderna”, recai sobre o princípio do mito: “O princípio de imanência, de explicação de todo acontecer como uma repetição, sustentado pelo iluminismo contra o poder da imaginação mítica, é o princípio do próprio mito”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1983: 95)

A primeira geração de frankfurtianos propunha, então, a formulação de uma teoria crítica baseada em dois pilares: um epistemológico, de crítica ao positivismo e outro metodológico que visava a construção de uma teoria interdisciplinar. “Uma teoria crítica da sociedade deve fazer uso de todo o espectro das disciplinas científicas sociais a fim de poder investigar apropriadamente o atual conflito entre as forças produtivas e as relações de produção” (HONNETH, 1999: 510)

A economia política, para Horkheimer, deveria ser considerada como a disciplina que constitui a “espinha dorsal teórica de uma ciência social materialista”. Ele propôs uma articulação da **economia política**, em especial, com a **psicanálise de Freud** – como forma de compreender “as forças aglutinadoras irracionais” – e **com uma teoria da cultura** – para “investigar as condições culturais sob as quais ocorre a socialização individual no capitalismo adiantado”. (HONNETH, 1999: 512)

A análise econômico-estrutural desvendou as tendências desenvolvimentais que permitem ao capitalismo estabelecer um curso para um sistema de dominação baseado na economia planejada; a partir das alterações que esse processo de mudança acarreta na socialização “familiar”, a análise sociopsicológica deslindou então os mecanismos pelos quais os indivíduos são uniformemente ajustados às novas demandas comportamentais” (HONNETH, 1999: 514-5)

Horkheimer compreendia ainda que essa integração entre diferentes disciplinas apresentava-se como contraponto à especialização defendida pelos positivistas, os quais eram “classificados” por ele como teóricos tradicionais. O centro de sua crítica está no fato de a teoria tradicional não ocupar-se com a origem dos problemas e nem com a sua solução. Segundo ele, os cientistas tradicionais analisam os problemas na sua superficialidade e não atuam no sentido de aplicar seu conhecimento para a resolução dos mesmos, afinal consideram esse tipo de atitude estranha à função da ciência.

Em meu ensaio “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” aponte a diferença entre dois métodos gnosiológicos. Um foi fundamentado no *Dicours de la Méthode*, cujo jubileu de publicação se comemorou neste ano, e o outro, na crítica da economia política. A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as situações reais, nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores. (HORKHEIMER, 1983b: 155)

Ao desenvolver a ideia de teoria crítica, Horkheimer (1983a: 139), fala de uma teoria que é inseparável de uma *práxis* crítica. Considera o homem como dotado de poder sobre a natureza, atuando de maneira interior ao processo de produção das formas históricas de vida. Além disso, a proposta da teoria crítica é compreender a gênese dos problemas, a partir de uma visão integrada de várias disciplinas, que leve o homem também a engajar-se para transformar a sociedade (HORKHEIMER, 1983a: 139).

A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela. Os objetos e a espécie de percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder. (HORKHEIMER, 1983b: 155)

Tanto Horkheimer como Adorno compreendem a razão humana como a faculdade intelectual para o domínio do homem sobre a natureza. “Pensando, os homens se distanciam da natureza, para colocá-la diante de si, tal como ela deve ser dominada”. (HORKHEIMER, 1983: 114)

Ao discutir o conceito de razão no texto “Meios e Fins”, Horkheimer distingue dois tipos de razão: a objetiva e a subjetiva. A primeira está vinculada aos grandes sistemas filosóficos de Platão, Aristóteles, à Escolástica e ao idealismo alemão, e enfatizava mais os fins do que os meios. Já o segundo tipo, segundo ele, é uma visão parcial e limitada da razão universal, que se revela irracional ao centrar-se em aspectos utilitários, sendo, pois, o sinônimo do que ele conceitua como “razão instrumental”. “A razão subjetiva se revela como a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado” (HORKHEIMER, 2002: 15). Para Horkheimer, esse segundo tipo de razão domina vários elementos da sociedade moderna, inclusive a ciência.

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhado pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la. (HORKHEIMER, 2002: 29)

A ideia de razão instrumental, um dos conceitos centrais da primeira fase da Escola de Frankfurt, caracteriza-se por uma negatividade em relação à racionalidade humana, a qual teria, segundo eles, um “potencial destrutivo” e causaria “efeitos devastadores”.

### 3. Habermas:

A contribuição de Habermas à teoria crítica veio mais tarde. Habermas foi da segunda geração de estudiosos de Frankfurt e, embora também tenha tido influências marxistas na sua formação, transitou por outras áreas do conhecimento, diversas daquelas próximas da primeira geração de frankfurtianos. Familiarizou-se com tradições teóricas que tinham como base a intersubjetividade linguística e o interacionismo simbólico. “Em seu desenvolvimento científico, foram correntes como a antropologia filosófica, a hermenêutica, o pragmatismo e a análise linguística que lograram reconhecimento” (HONNETH, 1999: 538).

Essa trajetória motivou-o a rever os caminhos teóricos percorridos pelos seus antecessores e a propor novas leituras para os problemas que eles identificavam na “sociedade administrada”. Apesar de ter em comum a crítica à racionalização do mundo da vida como resultado da modernidade, Habermas vai além de Adorno e Horkheimer, identificando que as interações comunicativas entre os homens são fundamentais no desenvolvimento histórico (HONNETH, 1999: 539).

Ao criticar a sociedade moderna, Habermas também apresenta suas discordâncias em relação aos rumos da ciência, em especial à descontextualização histórica e à abstração comuns à atividade naquele período. Propõe que o entendimento entre os homens e a constituição de laços entre sistema e mundo da vida se dá a partir do uso do “potencial cultural de aprendizagem” das sociedades desenvolvidas.

A crítica às sociedades desenvolvidas é feita na medida em que esta não usa o seu potencial cultural de aprendizagem, mas proporciona mais um crescimento incontrolável da complexidade. O crescimento do sistema de complexidade ataca a infraestrutura comunicativa. **Mas a teoria também é crítica das abordagens científico-sociais que são incapazes de decifrar os paradoxos da racionalização social porque fazem dos complexos sistemas sociais seus objetos apenas de um ou outro ponto de vista abstrato, sem levar em conta a constituição histórica do domínio do seu objeto.** Os domínios dos objetos de abordagens concorrentes não entram em contato, pois eles são o resultado de um lado de abstrações que, inconscientemente, cortam os laços entre sistema e mundo da vida constitutiva para as sociedades modernas. (HABERMAS, 1989: 77).

Habermas (1981a), ao propor uma reconstrução do materialismo histórico, diverge da ideia de trabalho social como única forma de reprodução da vida humana, a qual era cara à primeira geração. Reconhece o papel da linguagem na construção, reprodução e transformação da vida e, apesar de considerar a importância da base material para a análise das sociedades capitalistas, propõe que a comunicação por meio da linguagem é que torna essa reprodução especificamente humana.

Em a “Lógica das Ciências Sociais” Habermas (2009) se propõe a refletir sobre a sociologia linguística-compreensiva, trazendo como referência alguns aspectos desenvolvidos por Wittgenstein, tais como a relação entre linguagem e ação. Constata que a partir da escola do interacionismo simbólico iniciou-se uma série de investigações pertencentes ao quadro de uma sociologia deste tipo.

Ele observa que Lévi-Strauss, em parte com base em Mead, trabalha com o método interpretativo ao conceber o agir social a partir do contexto de uma consequência de interpretações. “Uma mudança de pessoas referenciais e do pertencimento a grupos exige uma adaptação a novas terminologias”. (2009: 269) Então, se novas terminologias, criam novas motivações, mais do que leis essa sociologia necessita de uma explicação compreensiva.

As explicações, que ela pode dar, equivalem a uma descrição linguística e a uma interpretação hermenêutica; ela precisa abdicar de explicações causais. Apresentar motivos ainda não significa: identificar causas. A sociologia linguístico-compreensiva não é nenhuma ciência nomológica (HABERMAS, 2009: 273).

Para Habermas, portanto, os processos sociais devem ser analisados como mudanças de linguagem. Habermas defende que a sociologia linguística compreensiva deve ocupar-se da análise da linguagem por meio da hermenêutica, como observa Hekman (1990, 187-8):

Habermas toma patente o grande respeito que tem pela posição hermenêutica e, além disso, considera-a superior quer à análise wittgensteiniana da linguagem quer à fenomenologia, as outras abordagens «interpretativas» que ganharam popularidade recentemente. Habermas considera que a hermenêutica introduz uma dimensão da análise da linguagem que falta na obra do último Wittgenstein: a historicidade.

Assim como os demais frankfurtianos, a crítica ao positivismo norteou a discussão de Habermas sobre metodologia nas ciências sociais. Habermas procura mostrar que o positivismo tornou limitado o entendimento do mundo natural e social e minou a possibilidade de crítica (OUTHWAITE, 1998). Essa reflexão foi delineada a partir das suas principais influências nesse campo: o interacionismo simbólico (Mead), a hermenêutica filosófica de Gadamer e a filosofia da linguagem de Wittgenstein e Winch. Além de vários outros diálogos que faz com a fenomenologia e com a psicanálise, por exemplo.

Habermas se contrapõe claramente ao positivismo, que se caracterizava pela elaboração de leis gerais e pela neutralidade do cientista em relação ao conhecimento. Cita Alfred Ayer (HABERMAS, 2009: 274), um dos expoentes do positivismo lógico, e sua visão de fato social como tendo o mesmo status que eventos no campo de objetos das ciências naturais: “O conceito de um agir determinado por regras é inútil para a análise científico-social das causas” (HABERMAS, 2009: 275). Habermas ressalta o caráter funcionalista das ciências sociais, marcado pela influência das ciências naturais. Para ele, ambas não podem ser comparadas, pois os processos sociais têm um caráter diverso e único.

Ele se contrapõe à visão de ciência como fato e acredita na possibilidade de uma ciência auto-reflexiva, que permita ao cientista inserir-se no mundo em que pesquisa. Percebe essa possibilidade na teoria geral da Psicanálise e a considera um modelo de ciência crítica interessante para pensar as ciências sociais. Discute de maneira mais aprofundada a Psicanálise Freudiana, explicitando suas características interpretativas que são compartilhadas entre paciente e analista, bem como seus elementos científicos, por meio da sua teoria geral.

Propõe-se a revisar vários clássicos para então sistematizar o seu programa teórico e desenvolver a teoria da ação comunicativa. Segundo ele afirma sobre a sua própria teoria: “A teoria da modernização capitalista foi desenvolvida a partir da teoria da ação comunicativa e segue o modelo marxista. Critica tanto as ciências sociais contemporâneas como a realidade social que elas tentam compreender” (HABERMAS, 1989: 77).

Essa é a discussão que permeia o texto “Modernidade versus Pós-Modernidade”, em que ele sintetiza suas principais críticas e esperanças em relação à modernidade. Nesse texto ele aponta que a vida “se tornou racionalizada sob a pressão dos imperativos econômicos e administrativos” e critica a ciência moderna como uma esfera que leva adiante “o progresso técnico, o crescimento capitalista e administração racional” (HABERMAS, 1981b: 13).

Segundo Outhwaite (1998), Habermas se preocupa de maneira central com a elaboração de uma teoria sobre as patologias da modernidade, que analise a “realização deformada” da razão na história. Hekman (1990) indica que um dos pontos originários da epistemologia proposta por Habermas é a crítica à razão instrumental.

Habermas, porém, acredita no poder emancipatório da razão, pois, para ele, o projeto da modernidade ainda não se realizou por completo e pode ainda haver caminhos para a libertação do homem através da razão: “Eu acho que em vez de desistir da modernidade e seu projeto como uma causa perdida, devemos aprender com os erros desses programas extravagantes que tentaram negar a modernidade” (HABERMAS, 1981b: 11). Assim, diferente dos membros da primeira geração, Habermas vê possibilidades emancipatórias na modernidade:

Mau grado Habermas ter recentemente posto em causa a «filosofia primeira», ele é, na raiz, um fundacionalista; não rejeitou definitivamente a busca iluminista de uma fundação estável para o conhecimento. Embora rejeite muitos dos elementos objectivistas e cientistas do pensamento iluminista, quer contudo reter o que considera ser a sua ‘motivação emancipatória’ (HEKMAN, 1990: 198).

Portanto, por trás da epistemologia proposta por Habermas, com a formulação de uma sociologia linguístico-compreensiva, ele quer restaurar o projeto iluminista, em busca de uma emancipação pela razão.

#### 4. Conclusão

O conjunto teórico elaborado por Horkheimer e Adorno apresenta uma ideia de “sociedade totalmente integrada”: “nela a vida social se esgota – como nas visões das teorias do totalitarismo – num circuito fechado do exercício centralizado da dominação, do controle cultural e do conformismo individual” (HONNETH, p. 516)

A visão de cultura dos teóricos da primeira geração, em especial Adorno ao formular o conceito de indústria cultural, é predominantemente negativa e aparece como “componente funcional da garantia de dominação”. Adorno foi um crítico ferrenho do projeto iluminista e, junto com Horkheimer, escreveu uma das obras mais significativas que trazia a síntese do pensamento frankfurtiano: *A Dialética do Esclarecimento*.

Já Habermas, como vimos, apontou que muitos dos problemas criticados pelos membros da primeira geração não eram intrínsecos à modernidade, sendo, inclusive, essa época também dotada de um potencial emancipatório, para além do potencial totalitário discutido por Adorno e Horkheimer.

A crítica de Habermas à primeira geração de estudiosos de Frankfurt, a partir da proposição da linguagem como mecanismo de criação e reprodução da vida, para além do trabalho social, formou o que ele veio a chamar de Teoria da Ação Comunicativa, reconstruindo assim uma nova proposta de teoria crítica a partir de um viés que considera a importância da comunicação para o entendimento entre os homens.

#### 5. Referências bibliográficas

HABERMAS, J. *A Lógica das Ciências Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HABERMAS, J. *Modernity versus Postmodernity*. New German Critique, No. 22, Special Issue on Modernism. Winter, 1981b.

HABERMAS, J. *Técnica e Ciência enquanto ideologia*. In: BENJAMIN, W., HORKHEIMER, M., ADORNO, T., HABERMAS, J. *Textos Escolhidos (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HABERMAS, J. *The Tasks of a critical theory of society*. IN: HABERMAS, J. Jürgen Habermas on Society and Politics: a Reader. Edited by Steven Seidman. Boston: Beacon Press Books, 1989.

HABERMAS, Jürgen. *Toward a Reconstruction of Historical Materialism*. In: KNORR-CETINA, K.; CICOUREL, A. V. (eds). *Advances in Social Theory and Methodology: Toward an integration of micro- and macro-sociologies*. Londres: Routledge e Kegan-Paul, 1981a.

HEKMAN, Susan. *O Debate Gadamer-Habermas*. Hermenêutica e a Sociologia do Conhecimento. Lisboa: Ed. 70, 1990

HONNETH, A. *Teoria Crítica*. In: GIDDENS, A., TURNER, J (Org.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.

HORKHEIMER, M e ADORNO, T. W. *Conceito de Iluminismo*. In: BENJAMIN, W., HORKHEIMER, M., ADORNO, T., HABERMAS, J. *Textos Escolhidos (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, M. *Filosofia e Teoria Crítica*. In: BENJAMIN, W., HORKHEIMER, M., ADORNO, T., HABERMAS, J. *Textos Escolhidos (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983b.

HORKHEIMER, M. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. In: BENJAMIN, W., HORKHEIMER, M., ADORNO, T., HABERMAS, J. *Textos Escolhidos (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.

OUTHWAITE, William. *Jürgen Habermas*. Rob Stones (ed.) *Key Sociological Thinkers*. Nova Iorque: NYUP, 1998.